



PERSONAGEM DO MÊS

ELE VIU 3.700 FILMES NUM ANO!

O INDIELISBOA ESTÁ DE VOLTA. “FILMES PARA TODOS, E NÃO APENAS PARA UMA ELITE CINÉFILA”, ASSEGURA NUNO SENA, UM DOS DIRECTORES DO FESTIVAL QUE MOSTRA AS MAIS RECENTES PELÍCULAS INDEPENDENTES. DE 22 DE ABRIL A 2 DE MAIO. NÃO PERCA.

Quais são os critérios para incluir um filme no IndieLisboa?

É um festival de estreias. A intenção é apresentar em Portugal, em primeira-mão, o melhor da produção nacional e internacional do próprio ano ou do ano anterior. Alguns são filmes consagradíssimos no estrangeiro, mas que ainda não estrearam em Portugal. Por exemplo, vamos mostrar o filme que ganhou o Leão de Ouro em Veneza, em 2009.

E qual é o critério na secção retrospectiva Herói Independente?

Este ano mostramos dois heróis independentes muito diferentes. Um deles é a realizadora de documentários Heddy Honigmann, de origem peruana. A obra de Honigmann já foi objecto de retrospectivas em todo o mundo, mas em Portugal – e esse é outro critério – nunca teve a visibilidade que merece: nunca estreou nem está disponível em DVD.

O outro Herói Independente é a secção Fórum do Festival de Berlim. O programa, que fará parte do IndieLisboa, é uma ideia engraçada de diálogos entre filmes e realizadores. Os organizadores pediram a realizadores com ligações ao Fórum para escolherem o seu filme preferido nos 40 anos desta secção. Os catorze filmes valem por si e dizem-nos algo sobre o realizador que o escolheu. São afinidades electivas muito fortes, possíveis de detectar nestes jogos de espelhos. Por exemplo, Avi Mograbi, cineasta interessantíssimo do cinema contemporâneo, escolheu o filme de outra cineasta interessantíssima, que é a Chantal Akerman. Por acaso, ou não, a maioria dos cineastas que escolheram ou foram escolhidos já fizeram parte da programação do IndieLisboa.

Uma das novidades deste ano é a atribuição do Prémio SIGNIS-Árvore da Vida, que distinguirá trabalhos que

privilegiem os valores humanos e espirituais. Se já existisse na edição do ano passado a quem o teria atribuído?

O prémio SIGNIS, que no festival de Lisboa será atribuído a um filme português, já existe nos principais festivais internacionais, como Cannes e Veneza. Apesar de estar ligado à Conferência Episcopal Portuguesa, não é um galardão confessional – promove valores humanistas. No Festival de Veneza deste ano foi atribuído a um filme sobre fé e religião (*Lourdes*), que coloca questões sobre o que é a fé. Em relação ao ano passado, e sem querer substituir o júri SIGNIS, escolheria o *Ruínas*, do Manuel Mozos.

O que é que não se deve mesmo perder na edição deste ano?

Essa é a pergunta mais difícil para um programador. Vamos passar 250 filmes, distribuídos por nove secções. É impossível ver todos, pelo que cada espectador construirá o seu próprio festival. Seria bom que visse um pouco de cada secção e ficasse com uma ideia da abrangência temática, estilística e histórica deste festival. Não são filmes difíceis. Em qualquer secção encontrarão filmes de que vão gostar.

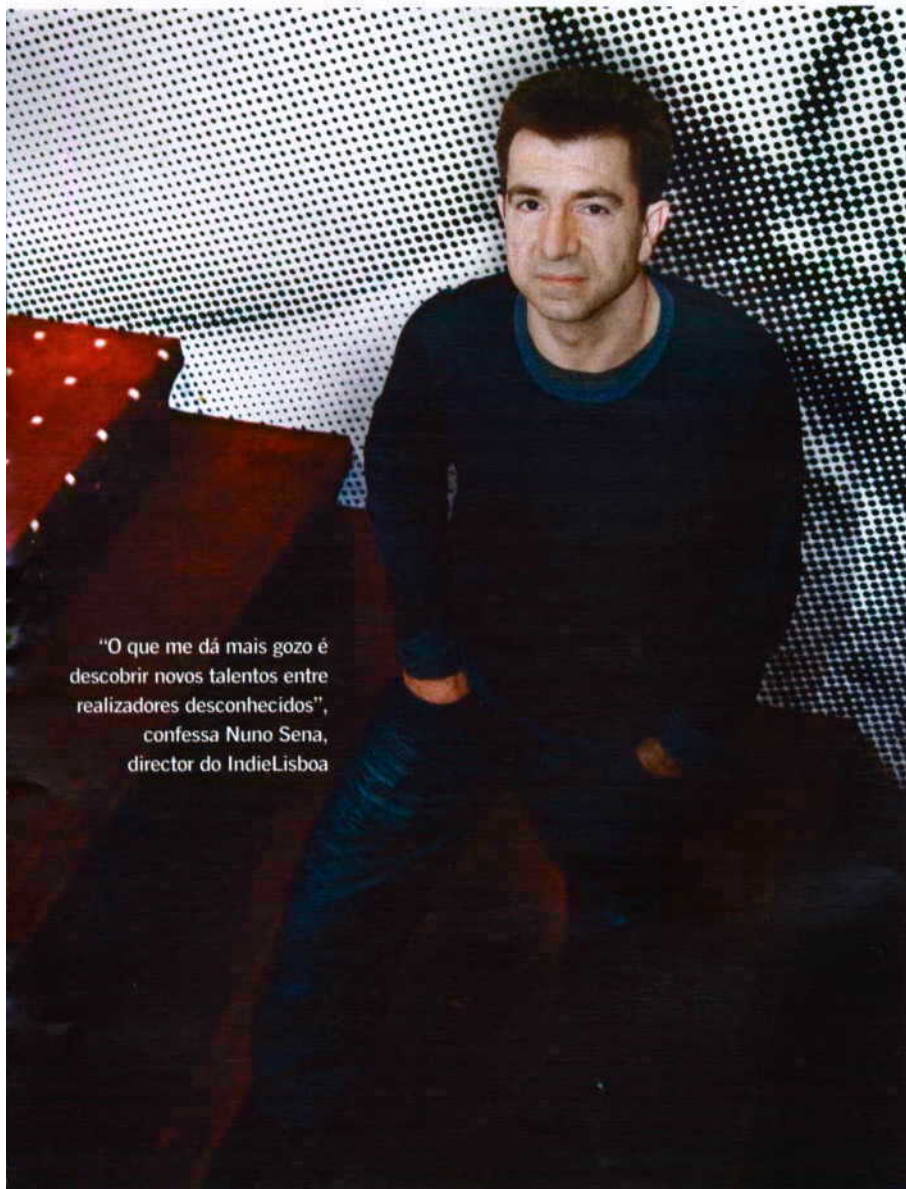
Quantos filmes receberam?

Recebemos 3.700. É um recorde. Desse, cerca de 250 eram portugueses, dos quais seleccionámos 25.

Na petição Manifesto pelo Cinema Português, lançada em Março, lê-se: “O cinema português vive hoje uma situação de catástrofe iminente e necessita de uma intervenção de emergência por parte dos poderes públicos”. Concorda? Sente isto enquanto director de um festival de cinema?

Sentimos um pouco este ano. Não em relação aos filmes que recebemos, com os quais estamos muito satisfeitos, mas

“O OBJECTIVO É QUE EM VEZ DOS 40.000 ESPECTADORES ACTUAIS TENHAMOS 200.000, COMO NOS FESTIVAIS DE REFERÊNCIA”



“O que me dá mais gozo é descobrir novos talentos entre realizadores desconhecidos”, confessa Nuno Sena, director do IndieLisboa

“O NÚMERO DE PRODUÇÕES APOIADAS É, RELATIVAMENTE A ANOS RECENTES, O MAIS BAIXO DE SEMPRE”

ção ao perfil dos filmes que recebemos é muito significativo que, das oito longas-metragens que vamos exibir, apenas duas sejam obras de ficção e as restantes sejam documentários – que é o género mais barato.

Qual foi o filme do IndieLisboa que mais o marcou?

Há dois, ambos portugueses. Na primeira edição houve um filme importantíssimo pelo que revelou do talento de um cineasta. Trata-se de *A Cara que Mereces*, de Miguel Gomes, que participou na competição internacional e ganhou o Prémio da Crítica. Foi uma aposta do Festival, não compreendida na altura, mas a que o tempo deu razão com a obra seguinte do realizador, *Aquele Querido Mês de Agosto*, que é um dos filmes portugueses mais importantes da década. O outro é o *Lisboetas*, do Sérgio Tréfaut, muito relevante do ponto de vista político. Tréfaut teve a felicidade de apanhar um momento em que a imigração atingiu o ponto máximo, e em que a sociedade teve de se confrontar com esta nova realidade. É um olhar cinematográfico muito forte. Também valorizo o filme pela capacidade

de, como um espelho, devolver à sociedade portuguesa uma realidade que ela ainda tendia a ignorar ou menosprezar.

O que é que lhe dá mais gozo enquanto organizador?

A programação. Foi um ano avassalador. Recebemos mais 400 filmes do que no ano anterior, o que obrigou a que o trabalho de programação fosse mais difícil e moroso, mas também mais proveitoso. Escolhemos os filmes cuja qualidade cinematográfica os individualiza, que dizem mais sobre a realidade contemporânea mundial. Tentámos descobrir novos talentos entre realizadores desconhecidos. É esse trabalho de detecção, de permanente descoberta, que me dá muito gozo. ■ MAM

aos que não recebemos. Isto é, tivemos cerca de 250 filmes portugueses inscritos e a maior parte são produções completamente independentes, como filmes de escola e auto-produções. O número de produções apoiadas é, relativamente a anos recentes, o mais baixo de sempre. Fazer uma curta-metragem com 2.000 euros, é diferente de fazer com 40.000, que é o nível médio de financiamento público para curtas-metragens. Isso reflecte-se no número de filmes produzidos e na capacidade de terem circulação nacional e internacional. Um filme sem apoio do ICAM dificilmente interessará a um distribuidor nacional. Identifico-me com grande parte do que está escrito na petição. Não sei se a situação é de catástrofe, mas é de crise acentuada de produção. Em rela-